

Começa transferência de acervo

José Varella/CB - 28/6/07

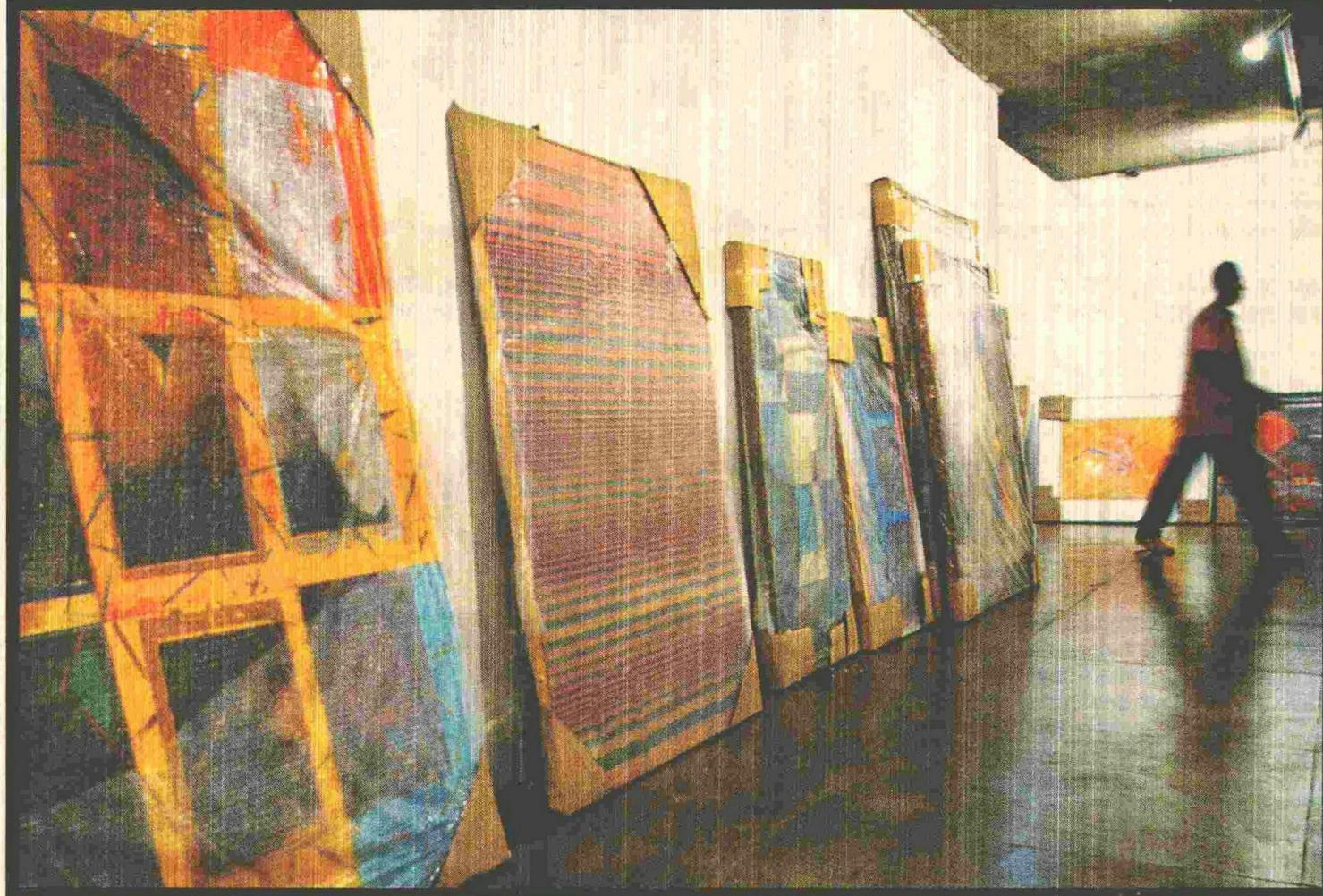
EDMA CRISTINA DE GÓIS

DA EQUIPE DO CORREIO

A primeira etapa de transferência de obras do Museu de Arte de Brasília foi iniciada ontem. Ao todo 54 pinturas e três esculturas das 1,2 mil peças do acervo foram levadas para a Galeria Athos Bulcão, onde ficarão em exposição até que a reforma do MAB seja concluída. A previsão da Secretaria de Cultura é que até setembro as obras de infra-estrutura sejam finalizadas. De acordo com o subsecretário de Políticas Culturais da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, Tetê Catalão, a fase é de reorganização do museu. “Estamos remexendo as vísceras do MAB”, definiu.

Durante as duas últimas semanas, as obras foram fotografadas e catalogadas em fichas com inscrições de título, nome do autor, dimensões, origem e estado de conservação. Cada peça foi protegida em lâminas de plástico e papelão. Uma das preocupações da equipe do MAB era a de que os quadros não se chocassem uns com os outros durante o transporte. Em outras ocasiões, algumas obras do MAB foram prejudicadas durante esse processo de reorganização na mesma galeria, lembram especialistas.

O MAB corre contra o tempo para retirar o restante do acervo num prazo de pouco mais de 40 dias. A determinação partiu do Tribunal de Justiça do DF, que identificou problemas na estrutura do prédio e má conservação de quadros, gravuras, fotografias e instalações. O acervo do museu, interditado em 16 de junho, é avaliado em cerca de R\$16 milhões. A parte que seguiu para a Galeria Athos Bulcão inclui obras



PRIMEIRAS PEÇAS DO MAB CHEGAM NA GALERIA: NOVO ENDEREÇO NÃO ASSEGURA INTEGRIDADE DOS QUADROS PORQUE ESPAÇO TAMBÉM TEM ESTRUTURA PRECÁRIA

de Cláudio Tozzi, Iberê Camargo, Amilcar de Castro, Tomie Othake e do próprio Athos Bulcão. As três esculturas levadas são *A bela espanhola*, de Vasco Prado; *Máscara*, de Emanuel Araújo, e uma obra sem título de José Rezende.

Nova configuração

O início da transferência não encerra a fase de catalogação. É uma fatia pequena das cerca de 1,2 mil obras pertencentes ao MAB. “Daremos continuidade

ao trabalho. A primeira parte foi mais rápida devido à exposição”, explicou o diretor executivo do MAB, Glênio Lima. As obras retiradas estavam em exposição no salão principal do MAB. Além delas, somaram-se mais 26 para a transferência. O restante do acervo continua sendo fotografado, catalogado e embalado. “Queremos acelerar para que as obras de infra-estrutura possam ser feitas antes do período de chuvas”, acrescentou Lima.

Além disso, deverão ser determinadas as datas e o número de obras de arte levadas para o Memorial dos Povos Indígenas, Espaço Cultural Renato Russo e Museu da República.

A especialista em museologia do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal (Depha), Ana Frade, acredita que o principal problema do MAB está na falta de manutenção de sua estrutura física, o que prejudica diretamente as

obras. “O fato do prédio não ter sido projetado para ser museu é aceitável. O normal seria a adaptação”, acrescentou. Mesmo com problemas, o MAB é apontado pela especialista como um dos museus de referência do DF, junto com o Museu da Memória Candanga e o Memorial dos Povos Indígenas.

Já o curador do MAB, Bené Fonteles, aposta na reativação da Associação de Amigos do Museu como alternativa de sobrevivência da

instituição. “Acho que é a solução para a sustentabilidade do MAB, a exemplo do que acontece com a Pinacoteca de São Paulo e outras instituições”, disse.

Catalão disse que o diagnóstico resultante da catalogação ajudará a traçar a nova configuração do museu. “Essa fase é irreversível. Agora o MAB será um museu de verdade”, disse. A partir do novo cadastro, finalmente se conhecerá todo o seu acervo e o que é preciso fazer para restaurá-lo ou mantê-lo conservado. As obras transferidas ontem estarão na exposição Força da Cor – Poética da Forma, na Galeria Athos Bulcão, ainda sem data de lançamento. A montagem da exposição começa segunda-feira.

Sem estrutura

Museus sem obras e obras sem museu. O Distrito Federal vive o impasse de fazer cumprir a proposta do Museu Honestino Guimarães, no Complexo Cultural da República, ainda sem acervo fixo definido, e ver sobreviver iniciativas como o MAB, com um acervo fundamental, mas sem estrutura de funcionamento.

O Museu Honestino Guimarães, parte do Complexo Cultural da República, situado a poucos metros da Rodoviária do Plano Piloto, recebe apenas visitas agendadas porque a última exposição está em fase de desmonte. “A idéia é, no futuro, compor uma coleção moderna para preencher as lacunas do MAB”, afirma o coordenador do Museu, Wagner Barja. Mas tudo em relação ao novo museu da cidade pertence ao futuro, não existe uma agenda de povoamento de seus vastos espaços com obras de arte de qualquer período das artes plásticas brasileiras ou assinadas por artistas estrangeiros.